

POR DENTRO DO TRAUMA:
a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade

Copyright© Sofia Débora Levy, 2025

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem a autorização prévia por escrito da autora, poderá
ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados.

EDITOR João Baptista Pinto
REVISÃO Tania Martins Santos
Rita Luppi
PROJETO GRÁFICO E CAPA Rian Narcizo Mariano

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L65p

Levy, Sofia Débora, 1968-

Por dentro do trauma : a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade / Sofia Débora Levy. – 2. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.

272 p.

ISBN 978-65-5252-114-9

1. Trauma 2. Desestruturação psíquica 3. Perversidade 4. Holocausto
5. Contemporaneidade I. Título

CDD 158.1

25-0120

CDU 159.947

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

CONTATO COM A AUTORA
sofiadebora@hotmail.com

LETRA CAPITAL EDITORA
Tel: (21) 2224-7071 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br

Sofia Débora Levy

POR DENTRO DO TRAUMA:
a perversidade no Holocausto
e na contemporaneidade

2ª Edição

LETRAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-Rio)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

*Aos que veem na busca
o caminho do encontro.*

AGRADECIMENTOS

A todos que, ao longo de minhas investigações, contribuíram para que a vida fosse reafirmada em seu valor a cada *Encontro*.

À minha família, pelo suporte, sempre presente.

Aos sobreviventes do Holocausto que se dispuseram a prestar seus depoimentos, contribuindo para a melhor compreensão da condição humana.

À *Chevra Kadisha* do Rio de Janeiro, Memorial Judaico de Vassouras e Museu Judaico do Rio de Janeiro, cujo apoio foi fundamental para a viabilização desta obra.

Ao editor João Baptista Pinto e a toda equipe da Letra Capital Editora, pelo trabalho com acolhimento singular.

Aos amigos próximos ou distantes que vibraram com a ideia aqui concretizada.

*O desejo da verdade nos impele a revelar,
o desejo de poder nos impele a ocultar.*

Karl Jaspers

Ser gente significa ser o ente que está face a face.

Martin Buber

PREFÁCIO

Como explicar, de que modo compreender algo como o Holocausto? De grandes massacres, a história está cheia. Se olharmos o último milênio, temos o exemplo das Cruzadas, cujo percurso está pontuado por assassinios em massa, de cristãos e muçulmanos. No século XIII tivemos inclusive o caso das Cruzadas contra os cátaros, em que as tropas incitadas pelo inacreditável papa Inocêncio III, Lorenzo Conti, massacraram as populações do sul da França, onde florescia uma cultura refinada e (de certo modo) pacífica, uma cultura que nos inventou mesmo o termo “romance”.

Moveu a brutalidade um só seu aspecto: eram diferentes, os cátaros. Falavam uma língua suave e estranha, na qual faziam cantares de amor. A diferença – incompreensível aos sicários do papa Inocêncio – moveu seus adversários, que tentaram eliminá-los pela brutalidade (não o fizeram; massacres são instrumento brutal, mas ineficaz diante das culturas).

Assim, a questão do Holocausto tem precedentes, e muitos. Mas choca-nos, sobretudo, a proximidade e o haver sido o Holocausto concebido e perpetrado pela mesma cultura que nos deu Goethe, Kant, Gauss, Beethoven...

O Holocausto é incompreensível e inexplicável. Uma visita ao Museu do Holocausto em Berlim convence-nos disso. A crueza que o motivou é incognoscível para quem vê os eventos e consequências.

O Holocausto é incompreensível e inexplicável.

Ou será que não?

Ainda assim temos que fazer um esforço. E com a precisão de quem maneja um escalpelo afiado em gestos exatos, Sofia Débora Levy faz-lhe uma surpreendente e precisa dissecação, usando os recursos intelectuais da própria cultura germânica que o gestou, como gestara grande filosofia e melhor música, antes.

Mas não vou antecipar o virtuosismo do argumento de Sofia, cuja precisa hermenêutica jorra clareza sobre a obscuridade malévola do Holocausto.

Com frieza, que ainda assim recobre maior emoção.

Francisco Antonio Doria
Professor Emérito/UFRJ

PREFÁCIO DA AUTORA À SEGUNDA EDIÇÃO

A segunda edição de “Por dentro do trauma: a perversidade no Holocausto e na contemporaneidade” é uma afirmação da relação frutífera do público para com uma obra que se propõe a elucidar inúmeros aspectos ligados a traumas individuais e coletivos. Agora, revista e ampliada contendo os índices remissivos e onomásticos. A partir das inúmeras formas de violência psicológica infligidas pelos nazistas sobre indivíduos, grupos e massas, os leitores podem reconhecer estratégias similares sofridas em situações pessoais nos dias de hoje. Com isso, a leitura traz o alívio por proporcionar um entendimento das situações em que se veem enredadas e das consequências psicofisiológicas que sofrem.

A violência psicológica tem essa peculiaridade: com o choque traumático, a vítima “perde a fala”. A expressão popular traduz exatamente a condição que o impacto da violência produz. Colocar em palavras a maldade para a qual não se tem defesa e frente à qual se é pego de surpresa, é um esforço para a vítima. Mas, o exercício da enunciação é terapêutico, sobretudo com as palavras precisas que possam traduzir exatamente as impressões e dores sofridas.

A superação de traumas é um exercício constante e, lutando pela vida, não se deve desistir. O livro demonstra que a sensação de estar sozinho e fragilizado que a vítima de trauma sente pode encontrar outra perspectiva ao ler sobre as suas dores, levando a uma sensação de que não está absolutamente só.

Esse reencontro, não tem preço.

Sofia Débora Levy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. ININTELIGIBILIDADE NO TRAUMA.....	27
Relatos do ininteligível: dificuldades aperceptivas	28
Um problema complexo	33
A metodologia fenomenológica.....	38
2. FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA:	
WILHELM DILTHEY.....	45
Contexto sociocultural: a influência do Positivismo.....	47
Principais conceitos	49
Hermenêutica e Compreensão (<i>Verstehen</i>).....	50
Visão de Mundo (<i>Weltanschauung</i>).....	52
Vivência (<i>Erlebnis</i>)	53
<i>Geisteswissenschaften</i> x <i>Naturwissenschaften</i>	55
Psicologia Analítica e Descritiva.....	60
Estrutura psíquica.....	63
3. A ABORDAGEM EXISTENCIAL.....	69
Karl Jaspers	77
Jan Hendrik van den Berg	80
Viktor Emil Frankl	81
Rollo May.....	84
Abraham Maslow	89
Erich Fromm	90
Teoria da <i>Gestalt</i>	93
Representantes brasileiros	94

4. TRAUMA E DESESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA	97
Narrativas teórico-vivenciais	97
Viktor Emil Frankl	98
Bruno Bettelheim	102
A teoria do trauma de Sándor Ferenczi.....	110
Choque traumático e desestruturação psíquica.....	116
5. FORMAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	121
Mentira	122
A mentira e o trauma no Holocausto	124
A mentira e o trauma após o Holocausto: revisionismo e negacionismo	132
O paradoxo e as injunções paradoxais	138
Violência perversa.....	142
6. ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS PÓS-TRAUMÁTICAS.....	171
Alterações estruturais decorrentes da violência nazista.....	172
Outras alterações estruturais.....	177
7. UMA VISÃO ONTOLÓGICA DA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA	191
O metaprocesso	191
A <i>Weltanschauung</i> como referência na reconstituição da estrutura psíquica	202
Empatia buberiana e intersubjetividade	205
O contato empático na superação do trauma	211
8. PROPOSIÇÕES CLÍNICAS.....	219
Contribuições metaclínicas.....	219
<i>Desenvolvimento</i> Consciencial – proposta epistemológica aplicada à clínica psicológica	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
REFERÊNCIAS	249

INTRODUÇÃO

Quando de nossa pesquisa de campo para a elaboração da dissertação de Mestrado em Psicologia – “Repensando o Ser: uma análise metaprocessual dos relatos de sobreviventes do Holocausto” (UFRJ/1996)– com vias a uma revisão crítica do comentário estigmatizante amiúde propalado de que os judeus, sem reação, se deixaram levar como gado em direção ao matadouro durante o Holocausto, propusemo-nos a entrevistar dez sobreviventes judeus, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de ouvir e dar voz às vítimas que lá estiveram, a fim de compreender as condições nas quais se encontravam e se, de fato, o comportamento apresentado condizia com as imagens sobre ele veiculadas (Kosovski, 1995). Apresentamos uma análise circunstancializada sobre as condições às quais eram submetidos os judeus durante o período nazista e um repensar crítico daquele comentário, exercitando uma reflexão compreensivista das possibilidades de reação por parte das vítimas, bem como alertando para um cuidado maior com a linguagem na retransmissão fidedigna da História.

Especificamente, nas entrevistas elaboradas nos moldes de histórias de vida (Queiroz, 1988), intentamos apreender como os sobreviventes se apercebiam do que estava lhes acontecendo na sucessão dos traumas dos quais foram vítimas, para compreender as suas reações a cada trauma subsequente aos quais eram submetidos. Buscávamos a articulação de pensamentos e emoções das vítimas ante violências traumatizantes vivenciadas. Várias perguntas visando esse enfoque foram dialogicamente levantadas ao longo das entrevistas, de modo a acessarmos a organização interna psicológica – perceptiva da realidade externa e aperceptiva da realidade interna –, a *estrutura psíquica* a partir da qual o comportamento manifesto se originaria, em conformidade com a visão de mundo peculiar à sua personalidade (Dilthey, [1907]/[19–], p. 76). Apreender como se sentiam e se posicionavam perante o que lhes acontecia é um meio de buscar clarificar as suas condições de responsividade, dado o seu estado de choque – desintegrador da estrutura básica do psiquismo. Mas as respostas pouco variavam entre “A gente não pensava direito”; “Eu não sei explicar” (Levy, 1996)¹. Respostas lacunares como essas também encon-

¹ Optamos por referenciar aqui os depoimentos dos sobreviventes conforme registrados na Dissertação de Mestrado “Repensando o Ser...” (Levy, 1996), sem revisões feitas para fins das publicações dos mesmos em (Levy, 2014; 2006), (Warth; Levy, 2006) e (Laks, 2000).